

Londres — A reafirmação de Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central, de que os US\$ 6,5 bilhões solicitados pelo Governo brasileiro aos bancos privados são insuficientes, gerou um clima de dúvidas por parte dos banqueiros da City, que certamente irão querer debater com as autoridades brasileiras essa previsão, temerosos de que em médio prazo o Brasil venha a solicitar reforço de caixa.

Ao adiantar, ainda, que o seu pedido aos banqueiros havia sido de US\$ 8,5 bilhões, Langoni deixou um diferencial bem acentuado entre a quantia fixada em Washington pelos banqueiros juntamente com o Fundo Monetário Internacional, acirrando o medo que já corre no meio financeiro com os países em desenvolvimento em crise, sem vislumbrar-se possibilidades mais claras de que este quadro possa alterar-se e que eles passem a pagar os seus compromissos.

Por outro lado, os banqueiros internacionais também não têm argumentação para refutar a acusação de Langoni de que as suas assessorias econômicas deveriam ter captado em tempo razoável o início da corrida do Terceiro Mundo aos seus cofres, o que significa que os bancos emprestadores são tão culpados quanto os países devedores por este quadro ter atingido a números inviáveis. Agora, o único prazer dos banqueiros é ver os países devedores submetendo-se a programas claramente duros, elaborados pelo FMI, mas esta política não os exclui de ter de ingressar com mais dinheiro na crise, porque os banqueiros são partes integrantes deste panorama de desestabilização econômica.

Dentro das previsões dos grandes bancos internacionais, o maior risco está na possibilidade de o volume de crédito existente declinar até meados do ano que vem, como reflexo da queda de receita dos países árabes produtores de petróleo, que de grandes depositantes e fontes de petrodólares passaram a sacar violentamente junto aos bancos internacionais, principalmente o Iraque e o Irã, para dar suporte à guerra que travam. Com isto, prevê-se que o dólar permanecerá fortalecido neste período, principalmente confirmando-se a recuperação econômica dos Estados Unidos, o que traz o risco para os países devedores de taxas de juros mais amargas nos próximos 8 meses.

Dentro deste quadro, os bancos envolvidos com maiores volumes de empréstimos para países como o Brasil estão tendo de analisar profundamente as suas disponibilidades de empréstimos, porque sabe-se que em curto prazo os novos financiamentos que liberarem não terão retorno, enquanto as perspectivas de crescimento dos seus depósitos está limitada diante da ausência dos petrodólares. Com essas premissas é que os 800 bancos que estão sendo convidados para fornecerem os US\$ 6,5 bilhões para o Brasil irão analisar a proposta. No entanto, a dúvida de que esses recursos podem ser insuficientes gera um clima de extrema intranquilidade para os banqueiros, que passam a não saber se as suas próprias provisões de recursos para a América Latina estão corretas.

Desta forma, agora espera-se em Londres a visita do atual presidente do Banco Central, Afonso Pastore, que certamente dará as explicações necessárias aos banqueiros naturalmente com números opostos do seu antecessor, que não acredita que o Brasil possa chegar a dezembro de 1984 com os recursos previstos.